[Recensão a] Raul Brandão, Humus, romance, tradução e cura di Marcello Sacco

Autor(es): Simões, Manuel G.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42532>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_5_18

Accessed : 26-Apr-2023 10:38:15

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 5

romances populares para inocular exemplos pátrios, no meio de uma Europa e sua literatura “ormai anacronistica perchè meramente ricreativa” (p. 270).

ERNESTO RODRIGUES

Raul Brandão, *Humus*, romanzo, traduzione e cura di Marcello Sacco, Nardò (Lecce), BESA Editrice, s.d. [2009], pp. 230.

Depois de algumas traduções de indiscutível significado no âmbito das relações culturais entre a Itália e Portugal – citem-se *Le passeggiate del sognatore solitario* e *Il Conquistatore*, de Almeida Faria, *Fanny Owen*, de Agustina Bessa Luís, ou *Mostri*, de José Gil, para além do volume *L'anima navigante. Racconti dal Portogallo* que organizou com Gianluca Miraglia –, Marcello Sacco propôs agora o importante texto de Raul Brandão, *Húmus*, com a particularidade de todos estes títulos terem encontrado acolhimento na mesma editora, a qual, deste modo, resolveu apostar na divulgação de autores de língua portuguesa.

E com razão o curador acrescentou ao título a indicação de género (romance), aspecto que

se revela pertinente se se considera que, a esse respeito, mesmo a crítica portuguesa nunca se exprimiu de forma unânime. Já o disse Victor Viçoso num seu estudo exemplar: a obra participaria da esfera da poesia para João Gaspar Simões; seria uma precursora do “nouveau-roman” para David Mourão Ferreira; impossível de arrumar em qualquer género literário definido para José Régio; um “anti-romance” para Jacinto do Prado Coelho e João Pedro de Andrade; e romance-ensaio (romance-problema) para Vergílio Ferreira (cf. *Húmus*, Lisboa, Seara Nova, 1978, p. 22). De resto, Marcello Sacco faz-se eco desta indecisão classificativa, logo no exórdio da “postfazione”, ao resumir as hipóteses de arrumação do texto e tentando uma síntese que, não se ajustando propriamente a um género específico, pudesse traduzir, em grandes linhas, a atmosfera do discurso: “Antiromanzo, romanzo-problema, romanzo saggistico, lirico, caotico, torrenziale, diario intimo, ossessivo, angoscioso... *Húmus* si può veramente considerare il “libro dell’inquietudine” di Raul Brandão” (p. 227).

Obra singular da literatura portuguesa, pelo seu carácter híbrido e pela sua estrutura de romance-diário, regista um universo fragmentário em que as personagens remetem para máscaras-sombras que tendem para o grotesco (por exemplo, *Restituta*, *Lambisgóia*, *D. Fúfia*, *D. Biblioteca*, etc.) e para certo hermetismo onírico, apresentando como espaço uma ambígua “Vila” (título do primeiro capítulo) que adquire o valor de símbolo e centro de negatividade (de morte) que acentua o pessimismo nihilista do Autor. É uma obra que conheceu três edições, em sua vida: a 1.^a de 1917, a 2.^a de 1921 e a 3.^a de 1926, a última revista, com a eliminação, já em 1921, de dois capítulos que desapareceram das edições sucessivas. Marcello Sacco segue aqui a edição de 1926, utilizando a edição crítica de Maria João Reynaud (Porto, 2000), decidindo, porém, incluir, como apêndice, os dois capítulos expurgados, por lhe parecerem “pagine così potentemente suggestive, in particolare ‘Arrivano gli sventurati’, posto a chiusura dell’edizione del ’17” (“nota sulla traduzione”, p. 10). Se se trata de uma operação discutível do

ponto de vista filológico, parece-me, no entanto, aceitável no plano das ideias do Autor, sobretudo com a inclusão do último capítulo, sem a qual a obra pareceria truncada até porque é talvez esse capítulo que redime a dimensão decadentista para um discurso mais próximo dos ventos da História: “La plebe [...] si è già messa in marcia dai confini dell’Universo, masse che l’Umanità si era ormai disabituata a vedere dai tempi delle prime crociate” (p. 211). E não deve esquecer-se que a eliminação dos dois capítulos, decidida pelo Autor, pode talvez ser devida, como, de resto, sugere Marcello Sacco, a factos históricos que terão condicionado o plano editorial da obra, depois da 1.^a ed. de 1917, período caracterizado por grande agitação política e social, por divisões entre os portugueses que conduzirão à “noite sangrenta” de 1921, ano da 2.^a edição, e ao golpe de Estado de 1926, ano da última edição revista.

Sobre a tradução, ocorre dizer que Marcello Sacco produziu um trabalho de apreciável qualidade, sem cair na tentação, em nome da legibilidade da língua

de chegada (língua alvo), de banalizar ou simplificar a complexa especificidade da escrita de Raul Brandão. O lexema “Vila”, frequente ao longo do texto, em dois títulos de capítulos e que assume a função de símbolo, não é certamente de fácil tradução, por não existir, na ordem administrativa, um correspondente exacto na língua italiana.

A escolha de “Paese”, embora introduzindo uma certa ambiguidade na interpretação do original, de resto também ele ambíguo por alguma indefinição espacial, parece-me acertada, não obstante a introdução de maior amplitude de significado, que em Brandão parece confinar-se a uma conotação rural. MANUEL G. SIMÕES